

MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS

Um encontro sublime

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2025

Título: Um encontro sublime

Edição: Academia das Ciências de Lisboa

Data de edição: 2025

DOI: <https://doi.org/10.58164/kay4-9j86>

Um encontro sublime

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

A lembrança do encontro de Dante Alighieri e Sandro Boticelli por ocasião dos setecentos anos da morte do imortal poeta da “Comédia”, considerada “Divina”, corresponde a uma singular aproximação, em que a força criadora do sublime poeta se une ao genial traço de Botticelli, que exprime em imagens metafóricas a sua leitura da viagem empreendida ao encontro da eternidade. Como expressão de um pensamento humaníssimo, a linha impõe-se na evidenciação das formas, de modo a tornar *cosa mentale* o significado da palavra de Dante.

“No meio do caminho em nossa vida/eu me encontrei por uma selva escura/porque a direita via era perdida...”. Lemos a tradução de Vasco Graça Moura. Um homem, aos 35 anos, no meio do caminho da vida, empreende uma jornada singular entre a noite de Quinta-Feira Santa, 7 de abril, do ano de 1300 e a quarta-feira seguinte, 13 de abril. Esse homem vive numa Itália perturbada por querelas políticas, que envolvem as ambições do Papado, do Sacro Império e da Coroa francesa, além da ambição das famílias da Toscana. Dante nasceu e cresceu em Florença, onde duas fações, Gibelinos e Guelfos, se digladiavam. Recusa os abusos e o tráfico das coisas sagradas e aspira a uma vida humana e civilizada.

A “*Divina Comédia*” foi escrita entre 1304 e 1321, no período correspondente ao exílio perpétuo da cidade de Florença a que Dante foi condenado em 1302 pelos guelfos negros — sendo ele um guelfo branco, defensor do Papado, mas próximo de um entendimento com o Sacro Império. É sob essa condenação, que considera injusta, que vai escrever a sua obra-prima — guiado pela sombra de Virgílio, primeiro, e pelas presenças de Beatriz e S. Bernardo, fazendo a sua “jornada transcendente, da abjeção das trevas à redenção da luz”. Dante e Virgílio atravessam o rio Aqueronte, que separa o mundo dos vivos do dos mortos, na barca de Caronte. O barqueiro pede a Dante que se afaste dos mortos, mas Virgílio esclarece que Dante tem uma permissão especial e divina para fazer tal viagem. E ambos começam por avistar o Inferno, com nove círculos concêntricos:

onde estão os pagãos virtuosos (limbo) e onde penam a luxúria, a gula, a ganância, a ira, a heresia, a violência, a fraude e a traição. Cada um dos condenados recebe um tipo diferente de tormento. E há três vales de violência, dez fossos da fraude e quatro esferas da traição, para as diferentes formas do agir licencioso. Nesses mundos perversos os dois visitantes encontram personagens conhecidas como Paris, Helena, Cleópatra e Dido e avistam a cidade de Dite, onde Lucifer é rei, e onde estão as Érinis, deusas da vingança, que têm o corpo coberto de sangue e a cabeça de cobras, assim como Medusa, que petrifica quem a olha. Dante dialoga com os condenados e compreende o que levou a estarem ali, e encontra o Papa Nicolau III condenado por simonia...

Seguir-se-á o Purgatório, cuja elevada montanha se encontra dividida em sete degraus, correspondentes aos pecados capitais: orgulho, inveja, ira, preguiça, avareza, gula e luxúria. Tratando-se da preparação para a entrada no Paraíso, aí os pecadores praticam as virtudes que não cultivaram na vida terrena. Na saída do Purgatório, Dante despede-se de Virgílio, que não viveu a cristandade, sendo acompanhado pela formosa Matilde, com quem presencia a procissão onde participam as virtudes e as glórias da Igreja. Então Dante é acompanhado pela bela Beatriz Portinari, modelo de virtude, na visita das nove esferas celestes do Paraíso — Lua, Mercúrio, Vénus, Sol (símbolo da prudência e do bom uso da teologia), Marte (sinal da coragem), Júpiter (lugar de justiça), Saturno (símbolo da contemplação), Estrelas fixas (da Igreja triunfante) e a última esfera do universo físico que antecede o Empíreo, onde pode dar-se o encontro com Deus, olhos nos olhos. Beatriz deixa Dante com Bernardo de Claraval. É a teologia que comanda, sobre a essência de Deus — mas Dante, na contemplação mais elevada, confessa: “não é voo para as minhas asas”...

Estamos diante do testemunho vivo de uma belíssima língua que nasce da pena genial do poeta único. A narrativa de Dante como viajante-peregrino constitui paradigma da criação. E são as Letras e as Artes contemporâneas que se anunciam.

As esculturas de Auguste Rodin e de René Lalique — “A Eterna Primavera”, concebida para a Porta do Inferno e a faca de papel em marfim, ouro e esmalte, respetivamente, simbolizam a ligação entre a criação e as representações contraditórias de Dante, ligadas à tensão entre angústia e esperança, bem como à procura de caminhos libertadores. E Rui Chafes põe a matéria em contacto com a

vida, num ponto em que a dispersão e a pluralidade constroem uma ideia humanista, feita de imperfeição e de exigência.

Seduz-nos Virgílio — “Pois tu és mestre, meu autor/és tu aquele só de quem tirei/o belo estilo que me deu valor”... A natureza humana, a sete séculos de distância, leva-nos a uma caminhada tendo como horizonte o espírito e a eternidade...

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 21 DE SETEMBRO DE 2021

COMUNICAÇÃO RECEBIDA A 12 DE SETEMBRO DE 2024